

## CRIANÇAS INDÍGENAS: O BRINCAR AO AR LIVRE E O TRANSTORNO DE DÉFICIT DA NATUREZA

**Júlia Carolina Silva Borges** ☎0000-0003-3890-4681  
**Marina Navarro Verde Ubaldo Ribeiro** ☎0000-0003-4238-7760  
**Simoni da Penha Lopes Marinho** ☎0000-0001-9217-1605  
Universidade Federal de Rondônia  
**Dr. Reginaldo de Oliveira Nunes** ☎0000-0003-4287-1605  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**RESUMO:** A pesquisa discute o lugar onde estão situadas as crianças indígenas na Antropologia da Criança e como se constitui a relação com o brincar ao ar livre. Orientou-se pela pesquisa bibliográfica e pela narrativa como instrumento de coleta de informações. Ficaram evidentes a importância dada ao valor educativo da natureza como um pressuposto epistemológico comum nos diversos processos educacionais que se aplicam às infâncias indígenas brasileiras. Foi possível aferir o modo de vida ao qual as crianças estão atualmente submetidas (era digital). A ausência de elementos naturais, de expressões corporais e, a desconexão das crianças com a natureza tem gerado um mal-estar na contemporaneidade infantil, que os estudiosos classificam como Transtorno do Déficit de Natureza. É urgente uma (re) conexão das crianças com a natureza e as infâncias indígenas podem fornecer subsídios fundamentais para a elaboração de uma educação sensível que permita o bem-viver a todas as crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crianças; Indígenas; Natureza; Brincar.

## INDIGENOUS CHILDREN: OUTDOOR PLAY AND NATURE DÉFICIT DISORDER

**ABSTRACT:** The research discusses the place where indigenous children are located in the Anthropology of the Child and how the relationship with playing outdoors is constituted. It was guided by bibliographical research and by narrative as an instrument for collecting information. The importance given to the educational value of nature as a common epistemological assumption in the various educational processes that apply to Brazilian indigenous childhoods was evident. It was possible to assess the way of life to which children are currently submitted (digital age). The absence of natural elements, of bodily expressions, and the disconnection of children with nature has generated a malaise in children's contemporaneity, which scholars classify as Nature Deficit Disorder. It is urgent to (re)connect children with nature and indigenous childhoods can provide fundamental subsidies for the elaboration of a sensitive education that allows all children to live well.

**KEYWORDS:** Children; Indigenous; Nature; To play.



## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste trabalho, discute-se em que lugar as crianças indígenas estão situadas, sob a perspectiva dos estudos da Antropologia da Criança, descritos por Cohn (2013). Parte-se desse pressuposto antropológico, para compreender o contexto em que as crianças indígenas estão inseridas, como vivenciam suas práticas cotidianas nas aldeias, como se relacionam com a natureza, seus elementos e como elas brincam.

Acrescenta-se a esta discussão uma breve apresentação sobre o Transtorno do Déficit de Natureza (TDN). Esse termo foi cunhado pelo escritor americano Richard Louv, para reportar aos problemas de saúde física, mental e emocional em virtude da ausência de contato com a natureza, marcados pela intensa utilização das tecnologias digitais (BERNAN; KAPLAN, 2008; CORRALIZA; COLLADO, 2011; LOUV, 2016; OLIVEIRA; VELASQUES, 2020; MARTINS; SOUZA 2022). Corroborando com a discussão, Oliveira e Velasques (2020, p. 1), destaca que o TDN tem sido registrado em várias pesquisas científicas revelando “o quanto o contato com a natureza é necessário para que ocorra um desenvolvimento saudável – físico e mental – do indivíduo”.

Segundo pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Alana e pela rede Chidren & Nature, o Transtorno do Déficit de Natureza vem crescendo substancialmente em nossos dias e afetando a vida de milhares de crianças. Por meio dos resultados dessas pesquisas, o Instituto Alana em parceria com o Grupo de Trabalho em Saúde e Natureza (GTSN) e com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), elaboraram um manual de orientação sobre os benefícios da natureza no desenvolvimento de crianças e adolescentes. O manual tinha o propósito de auxiliar pais (mães). Professores (as), pedagogos (as), pediatras e todos (as) os (as) profissionais que trabalham com o desenvolvimento infantil.



O acréscimo do TDN a este artigo deu-se a partir das leituras e pesquisas realizadas sobre crianças indígenas, pois o modo como vivem suas infâncias denotam a importância do valor educativo da natureza e o respeito aos elementos que a constituem. A ideia surge com os estudos etnológicos da antropóloga Clarice Cohn (2021), em seu artigo intitulado: “O que as crianças indígenas têm a nos ensinar?: o encontro da etnologia indígena e da antropologia da criança”. Dentre as questões levantadas em seu artigo, Cohn (2021), propõe que: “o olhar para e com as crianças nos permite rever e reformular questões clássicas da etnologia indígena”.

O trabalho orientou-se metodologicamente pela pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2002, p. 44), é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Utilizou-se as narrativas e memórias como instrumento de coleta de dados com uma acadêmica indígena para obtenção de dados sobre as lembranças de sua infância e o contato com a natureza. As narrativas são importantes, pois permitem universalizar experiências vividas nas trajetórias da nossa informante. É por meio da narrativa, que as pessoas lembram o que aconteceu, colocando a experiência vivenciada em uma sequência, encontrando possíveis implicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem sua vida individual e social (LARROSA, 1995; NÓVOA, 2001; ABRAHÃO, 2003; JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

As discussões na pesquisa foram divididas em três partes. Na primeira, discute-se o lugar da criança indígena sob a perspectiva da Antropologia da Criança. Na segunda, são feitos apontamentos de aspectos pedagógicos relacionados ao brincar ao ar livre que faz parte da vida das crianças indígenas e que é comum em todos os contextos de infâncias indígenas brasileiras. E, na terceira parte, é apresentado de forma lacônica, o TDN, Transtorno do *Déficit* de Natureza, e de como a observância ao jeito de como brincam as crianças indígenas e de como se relacionam com os elementos do mundo natural, podem nos fornecer subsídios para a construção de uma educação sensível que permita uma (re)



conexão das outras crianças com a natureza através dos elementos que a constituem.

## 2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 2.1 Crianças indígenas

A análise das infâncias indígenas não é nosso objeto de estudo neste trabalho, porém, não se pode citar crianças sem nos referirmos às suas infâncias. Os estudos no Brasil a respeito das crianças indígenas é algo muito recente. Embora tenha havido um avanço na pesquisa com a temática nos últimos 20 anos, a Antropologia da Criança, considera que as crianças indígenas ainda estão situadas à margem dos estudos antropológicos, bem como os estudos e pesquisas sobre a infância nas sociedades indígenas (NUNES, 2005; TASSINARI, 2014).

A preocupação em situar as crianças indígenas numa perspectiva antropológica, se dá a partir do reconhecimento dos estudos sobre infâncias e crianças no campo das ciências sociais, nos contextos: histórico, social e cultural. Compreende-se, segundo os estudos da Sociologia da Infância, com Corsaro (2005), que as crianças são produtoras de cultura e atores sociais.

Portanto, não há como desvincular as crianças indígenas desses estudos, pois também são crianças. Também produzem cultura, visto que, vivenciam suas experiências sociais e culturais em seus respectivos contextos de vida e não se diferenciam de outras crianças, por exemplo, sob o viés do brincar, mesmo que brinquem de outras formas e jeitos (TASSINARI, 2014).

Nesse sentido, compreende-se que as infâncias indígenas são diversas, assim como são diversas as infâncias. Tanto a Antropologia da Criança como a Sociologia da Infância, afirmam que não há como definir infância como uma categoria universal, pois deve-se levar em consideração os contextos cultural, social, econômico e político em que cada grupo social está inserido. Sob a



perspectiva antropológica, ele se aplica às infâncias indígenas, tendo em vista que existem diversas e diferentes etnias e culturas indígenas no Brasil. Porém, o interesse em pesquisá-las ainda é pouco. Sobre os estudos das infâncias indígenas, Cohn (2013), afirma:

Falarei a partir de minha própria especialidade, a etnologia indígena. Neste campo, os estudos das infâncias indígenas e das crianças indígenas vêm florescendo e revelando muito do que as crianças têm a dizer de seu mundo. Um mundo que às vezes, como em outros campos de pesquisa, só é acessível por meio delas, já que embora conhecido, é obliterado pelos adultos. No entanto, os estudos das crianças têm tido pouco efeito no debate da etnologia indígena em geral – poucos etnólogos leem os estudos sobre as crianças dos povos com quem trabalham. Este é um problema real, que devemos reconhecer e enfrentar, para que nossos estudos não falem apenas para nós mesmos, reiterando-se a si mesmos, mas ganhem um alcance maior e mais efetivo nos debates da antropologia e no debate sobre o mundo (COHN, 2013, p. 222-223).

Contudo, embora o campo de pesquisa sobre infâncias indígenas já esteja bem delimitado, constata-se que para melhor desenvolvê-lo e ampliá-lo, é necessário ouvir o que as crianças têm a dizer. Porém, o interesse em ouvi-las e observá-las ainda é bastante pequeno mesmo por parte dos etnólogos indígenas. Portanto, é urgente reconhecer que as crianças indígenas também são sujeitos que integram as sociedades indígenas brasileiras, embora desempenhem papéis mais ou menos relevantes em uma ou outra etnia (TASSINARI, 2014).

Segundo Nunes (2003, p. 34), as crianças indígenas constituem um grupo social com poder, pois são elas que determinam o comportamento dos adultos, sob o critério de que os mais velhos devem manter a postura correta diante de uma criança, servindo de exemplo para ela. Isso não significa dizer que elas possuem poder social nas aldeias, no sentido de participarem das tomadas de decisões ou funções de liderança, mas podem passear livremente entre os adultos. Nunes (2003), também cita diversos etnólogos que pesquisam sociedades indígenas no Brasil e que puderam constatar de forma recorrente tal comportamento, dentre eles: Cohn (2000), Ferreira (1992), Gregor (1977), Lopes



da Silva (1981), Lopes da Silva, Macedo e Nunes (2002), Maubury-Lewis (1984 e 1990), Novaes (1983), Vidal (1987), dentre outros.

Mesmo diante de diversas e diferentes culturas indígenas que existem no Brasil, as crianças indígenas vivenciam suas infâncias a partir do seu território, por meio de suas brincadeiras e seus afazeres cotidianos. Aprendem ao brincar, ao ouvir as histórias que os adultos contam de seus ancestrais e ao desenvolverem suas práticas culturais e laborais que podem variar, pois são diversas e estão de acordo com seu respectivo grupo étnico. O hábito de ouvir as histórias de seus ancestrais desde muito cedo, faz com que elas desenvolvam o sentido da escuta, pois, são ensinadas a ouvir e a valorizar os saberes do seu povo desde os primórdios. Aqui é evidenciado um aspecto pedagógico que será mais esclarecido na próxima seção desse trabalho, por meio da narrativa de uma acadêmica indígena sobre sua infância.

## 2.2 O brincar ao ar livre

Nesta pesquisa, a constituição dos sujeitos é compreendida como uma produção de ordem histórica, marcada pelos modos como são narrados a construção de conhecimento. Segundo Aguiar (2011), as narrativas são essenciais para a expressão do conhecimento pelos sujeitos e dos processos vivenciados por eles no decorrer de sua vida.

Assim, para compreender a importância do brincar ao ar livre para crianças indígenas, foi realizada uma entrevista pelo WhatsApp, com uma acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Intercultural da Fundação Universidade Federal de Rondônia, campus de Ji-Paraná, que relatou por meio de um áudio, um pouco de sua narrativa e memórias sobre a infância indígena.

Sou do grupo étnico *Sakyrabiar*, terra indígena do Rio Mequens. Bom, minha infância, ela foi abençoada. Lembro-me que a gente brincava muito, tomava banho nos rios e, como não era ainda um território demarcado,



pois estava passando pelo processo de colonização, muitos de nós já estavam dispersos e, com o tempo mudamos para Rolim de Moura do Guaporé, que é uma comunidade que hoje faz parte do município de Alta Floresta do Oeste. Na época essa comunidade pertencia a Costa Marques. Tomávamos bastante banho no Rio Mequens e brincávamos o tempo inteiro, pegávamos frutas, andávamos de canoa, e quando dava vontade de cair no rio, a gente caía no rio. Foi uma infância tranquila. Comecei a estudar nessa comunidade aos oito anos e estudei até meus treze anos. Depois, meus pais se mudaram para Costa Marques. Durante esse tempo passamos por várias mudanças, mudanças de habitar. Território nosso foi demarcado em 1996. Foi assim uma infância bem tranquila e feliz. Na época não tinha escolas nas aldeias, até porque ainda estavam passando pelos processos de demarcações. Mas, como eu já vivia numa aldeia que já tinha escola, então eu e meus irmãos estudamos. Alguns começaram na idade avançada, mas outros na idade certa. Em 2013, eu retornei pra aldeia pra dar aulas como professora na educação escolar indígena. Então, já tinha escola e muitos alunos já estavam estudando dentro do nosso território. E, foi assim a minha infância. Não tenho do que reclamar da minha infância, até os treze anos quando mudei para a cidade. Aí, sofri vários preconceitos, por não estar alfabetizada assim do jeito que era na cidade, mas no meio do meu povo sempre fui uma criança feliz.

Conforme a narrativa da acadêmica indígena é possível perceber uma infância baseada no brincar e no contato com a natureza. Ao iniciar a narrativa descrevendo que: “minha infância, ela foi abençoada”, a acadêmica enfatiza uma infância feliz, relacionada com os aspectos da importância do brincar. Percebe-se também, que na sua infância, a presença do rio é marcante. Tomar banho no rio constituía-se em um ato que ia muito além de um mero banho, era uma diversão. Ao afirmar que: “quando dava vontade de cair no rio, a gente caía no rio”, fica fácil evidenciar que não havia nenhum tipo de restrição ou temor ao ato de estar em contato com as águas do rio, era algo natural.

Ao referir-se ao seu território e ao processo de demarcação que ela vivenciou quando era apenas uma menina, percebeu o quanto o território é um espaço fundamental para as crianças indígenas, e porque não dizer, sagrado. Na memória de sua infância, ela pontua várias vezes em sua fala sobre o território de seu povo, e essa fala, carregada de simbolismos e significados, nos faz perceber a relação das crianças indígenas com o seu território, com o seu espaço, com a sua terra, com as águas do rio e com os demais elementos da natureza. Sobre esse



aspecto, Tassinari (2014, p. 22) corrobora ao descrever que as concepções indígenas sobre a infância envolvem:

- 1) o reconhecimento da autonomia da criança e de sua capacidade de decisão; 2) o reconhecimento de suas diferentes habilidades frente aos adultos; 3) a educação como produção de corpos saudáveis; 4) o papel da criança como mediadora de diversas entidades cósmicas; 5) o papel da criança como mediadora dos diversos grupos sociais.

Continuando em sua narrativa, a acadêmica indígena também afirma que: “brincávamos o tempo inteiro”. Aqui, na escrita do trabalho, não é possível transmitir a expressão de alegria contida na voz da acadêmica em seu relato sobre a importância do brincar para sua infância. Ao declarar, “o tempo inteiro”, de imediato relaciona-se tal alegria à potência do brincar, que Vigotski (2001), considera como fundamental ao desenvolvimento infantil. Pode-se deduzir, mesmo que hipoteticamente, pois entende-se que isso demanda um estudo mais abrangente e com dados mais criteriosos que, antes mesmo da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski, os povos indígenas pareciam conhecer o valor do brincar, e mais, o brincar ao ar livre e em contato com natureza.

O brincar ao ar livre, em meio à natureza, permite o contato íntimo e criativo da criança com o meio ambiente. Esse contato proporciona a valorização de seu próprio devir no mundo, de como ela coloca, atua e se expressa. A brincadeira ao ar livre é uma das formas mais profundas que as crianças têm de se comunicar entre si mesmas e com o mundo em que vivem. Segundo Piorski (2016), há uma vasta possibilidade de potencializar o desenvolvimento infantil no brincar a partir dos quatro principais elementos presentes na natureza: a terra, a água, o fogo e o ar.

O autor afirma que as brincadeiras que envolvem o elemento água exigem da criança equilíbrio e, sobretudo, leveza e agilidade. Segundo a análise psicanalítica de seus estudos, as crianças que brincam com água desenvolvem em



seus aspectos psíquicos confiança, destreza e são capazes de superar possíveis obstáculos que eventualmente surjam em suas vidas.

Notamos que na narrativa da acadêmica entrevistada, o elemento água era bastante presente em sua infância, visto que, o banho no rio era sempre um motivo para brincar. No momento em que brincavam com as águas do Rio Mequens, ela e seus pares, podiam expressar livremente suas corporalidades e seus saberes adquiridos a partir de seus territórios.

Um exemplo que encontramos a presença do elemento ar nas brincadeiras das crianças indígenas, foi o de Daniel Cegue Ahv Gavião, em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com o título *Búvehj Axo Ikolen: A infância Indígena Gavião* (2017). Daniel é egresso do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, *campus* de Ji-Paraná e em sua narrativa sobre sua infância na Terra Indígena Igarapé Lourdes povo Ikolem-Gavião, afirma:

Sobre as brincadeiras com arco e flecha, espingarda confeccionada com madeira e também no rio para pegar peixes com linhada e ou flechinha, aprendi a flechar pequenos lambarizinhos junto com meus amigos quando criança, fazíamos até disputa de quem flechava. (...) Sobre as flechas quando criança não costumávamos guardá-las, sempre estávamos confeccionando novas flechinhas no outro dia. E toda vez que íamos pescar terminávamos banhando no igarapé (AHV GAVIÃO, 2017, 12-13).

Na narrativa de Daniel, nota-se que após suas atividades laborais, as crianças não perdiam tempo e depois de pescar sempre tomavam banho no rio. As brincadeiras com arco e flecha é bastante comum e presente nas infâncias indígenas. Sobre os brinquedos do ar, Piorski (2016), relaciona-os como aqueles que auxiliam a desenvolver a visão e favorecem o estímulo dos outros sentidos.

Nas comunidades indígenas, isso ocorre de forma natural, pois na natureza, as crianças são estimuladas pelo próprio ambiente, uma vez que, todos os sentidos – visão, olfato, paladar, tato e audição – estão completamente despertos e abertos a qualquer sensação que a natureza proporciona, como por exemplo, a



experiência de entrar em um rio, sentir o vento no rosto; ouvir o canto dos pássaros, sentir o perfume das flores ou pisar na terra fresca. Meirelles (2015), em seu livro *Território do Brincar Diálogos com Escolas*, afirma:

Na natureza, as crianças são solicitadas a agir de dentro para fora, pois há apenas sugestões do que, como e por que fazer algo. Ao contrário dos brinquedos prontos, ou da televisão, que já possuem forma, função e conteúdo definidos, os elementos da natureza convidam a criança a agir ativamente no mundo, transformando a matéria a partir de sua imaginação e ação. Assim, de um tronco nasce um carrinho; de um sabugo, uma boneca; de uma folha de bananeira, uma cabana. Ao transformar a matéria-prima, a criança produz cultura (MEIRELLES, 2015, p. 64).

Nesse sentido, é perceptível por meio das narrativas que o brincar como meio de produção cultural, retrata um brincar espontâneo e inventivo, e o contato com a natureza amplia as possibilidades educacionais, pois é na brincadeira livre que as crianças expressam o imaginário, movimentam seus corpos espontaneamente e criatividade, por meio de inspirações advindas das camadas mais profundas de cada uma delas.

### 2.3 Valor educativo da natureza

Foram identificados alguns aspectos pedagógicos presentes nas brincadeiras das crianças indígenas, como por exemplo, na maneira livre se expressam ao brincar e de como acessam os recursos naturais disponíveis em seus territórios. O hábito de ouvir as histórias de seus ancestrais, desenvolve a habilidade da escuta e assim elas também aprendem, bem como, aprendem na observação ao comportamento de seus pais e dos demais adultos.

A criança indígena é estimulada desde sua infância a ser livre. Tal liberdade é expressa a partir de seus corpos, do contato com os pés descalços com o chão da terra, com águas dos rios. Meirelles (2015, p. 77), considera que “cada vez que a criança corre, salta, se movimenta com leveza, com domínio do próprio corpo,



suas ações significam autonomia, significam que a ‘casa’ lhe pertence e que a criança está saudável dentro de si.” A autora, atribui à leveza como a característica mais significativa da habilidade corpórea, e esse aspecto é bastante presente nas vivências das crianças indígenas.

Quantas coisas essas crianças aprendem fora da escola! Quanto há para aprender ao observarmos como elas se relacionam com os elementos da natureza, com a água, com o ar, com a terra! Seus saberes são ricos em potência ao desenvolvimento infantil. Um olhar mais sensível às crianças indígenas, pode nos ensinar muito sobre como estamos educando nossas crianças nas cidades e nas metrópoles.

A escola, segundo Ilich (1985, p. 56), é um fenômeno moderno. Não podemos limitar a aprendizagem das nossas crianças somente às escolas e aos conteúdos curriculares. As crianças podem e devem aprender na companhia de seus pais, nas cozinhas de suas casas, nos seus quintais, no passeio com seus animais domésticos e em tantas infinitas possibilidades que a própria vida nos apresenta.

O Transtorno do Déficit de Natureza (TDN) é um conceito desenvolvido pelo escritor norte-americano Richard Louv e está ligado a consequências negativas à saúde de pessoas que vivem em centros urbanos, causadas pela falta do contato com ambientes e elementos naturais. Em seu livro *A Última Criança na Natureza* (2016), Louv relaciona o TDN a algumas doenças que acometem as crianças nos dias de hoje, como a obesidade infantil e transtornos de acuidade mental e de concentração, como o TDAH.

Estudos sugerem que a natureza pode ser útil como ferramenta terapêutica para o TDAH (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade), em paralelo com ou, quando apropriado, até substituindo medicamentos ou terapias comportamentais. Alguns pesquisadores hoje recomendam que pais e educadores propiciem mais experiências na natureza - em especial lugares onde haja verde - para crianças com TDAH, oferecendo, assim, suporte para a função de atenção e minimizando os sintomas (LOUV, 2016, p. 120).



O autor traz inúmeros relatos de pais e mães que dizem notar mudanças significativas no nível de estresse e hiperatividade de seus filhos quando em contato com a natureza. Uma mãe, cujo filho sofre de TDAH e que, devido a esse transtorno, faz uso do medicamento Ritalina, declara que ele se sente mais calmo e tranquilo quando está ao ar livre. Outros exemplos demonstram como a natureza envolve e acalma as crianças, restaurando a atenção e a sensação de paz e permitindo que pensem com mais clareza, lidando melhor com situações de estresse.

Outro aspecto de extrema relevância trazido por Louv é a relação entre o convívio na natureza e a saúde mental das crianças. Segundo o autor, “a natureza pode ser um antídoto para o estresse físico e emocional. Especialmente hoje.” Essa seria uma terapia alternativa para combater o aumento, em ritmo acelerado, de antidepressivos prescritos a crianças, um fato intensificado pela desconexão das crianças com a natureza.

Espaços e materiais naturais estimulam a imaginação das crianças, servindo como ferramentas para a interação, inventividade e a criatividade. O tempo para brincar, de maneira livre e exploratória, é cada vez mais reconhecido como componente essencial do desenvolvimento infantil saudável, uma vez que brincar em ambientes naturais oferece benefícios especiais.

Louv (2016), considera que os espaços educacionais sejam projetados integrando elementos da natureza, a fim de contribuir para o desenvolvimento de uma infância mais saudável, na qual todos os sentidos possam ser trabalhados e estimulados, e que as experiências multissensoriais oferecidas pelo contato com a natureza possam auxiliá-lo no desenvolvimento de habilidades cognitivas e imaginativas.

Nesse sentido, porque não pensar em uma estrutura de sala de aula que refletisse os espaços simbólicos da criança, como a rua ou o quintal, por exemplo. As experiências educativas poderiam se tornar mais interessantes e significativas para as crianças, pois acolheria suas curiosidades e descobertas, auxiliaria a



aprimorar seus conhecimentos por meio de um brincar livre e da relação com a natureza. A proposta de Richard Louv é simples e nada difícil de realizar. Cabe a nós nos desafiar nesse sentido, nos comprometer em evitar que nossas crianças sejam acometidas pelo TDN.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da sociedade global, altamente tecnológica e consumista, e diante da crescente urbanização dos espaços onde vivemos, é comum nos depararmos com pensamentos equivocados de que somos seres separados da natureza. É fato que estamos nos desconectando da natureza, mas fazemos parte dela tanto quanto qualquer outra espécie terrestre.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, foi inevitável não pensar em questões como: o que estamos fazendo com nossas crianças? As crianças dos nossos dias estão sendo submetidas a uma vida sem movimento, sem invenções, sem brincadeiras, sem criatividade, pois tudo está dado e posto nas telas dos *smartphones*, celulares, computadores etc.

Os estudos sobre as infâncias indígenas fizeram refletir não apenas sobre a importância do valor educativo da natureza, mas, sobre aprimorar o olhar pedagógico ao modo como as crianças indígenas aprendem. Os estudos de Louv sobre o TDN, fizeram refletir em como pode-se oportunizar espaços projetados com elementos da natureza que garantam a sensibilidade necessária ao desenvolvimento das capacidades cognitivas das crianças.

Esta pesquisa considera-se que é urgente uma (re) conexão das crianças com a natureza e que as infâncias indígenas podem fornecer subsídios fundamentais para a elaboração de uma educação sensível que permita o bem-viver a todas as crianças. Como já dito, porém, não custa reafirmar, é simples. É apenas uma questão de postura diante da necessidade de contribuir para que as



crianças vivam suas infâncias de forma mais saudável. Pode-se começar a partir do próprio quintal.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwji7pe0jNT7AhW-rZUCHbfTC6cQFnoECCsQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.seer.ufrgs.br%2Fasphe%2Farticle%2FviewFile%2F30223%2Fpdf&usg=AOvVaw2S9U2RS5UQKeuej4nXbHfk>. Acesso em: 29 nov. 2022.

AGUIAR, J. V. S. **Narrativas sobre Povos Indígenas na Amazônia**. 2011. 125f. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/49075>. Acesso em: 29 nov. 2022.

BERMAN, M. G.; KAPLAN, S. The cognitive benefits of interation with nature. **Psychological Science**, v. 16, n. 12, p. 1207-12, 2008. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19121124/#:~:text=We%20present%20two%20experiments%20that,thus%20validating%20attention%20restoration%20theory>. Acesso em: 29 nov. 2022.

COHN, C. Concepções de infância e infâncias: Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. **Civitas**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-244, ma./ago. 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/civitas/a/4SYMpFLYrqF6pPc6g7xPCzJ/?lang=pt>. Acesso em: 4 out. 2021.

COHN, C. O que as crianças indígenas têm a nos ensinar? O encontro da etnologia indígena e da antropologia da criança. **Horiz. Antropol.**, Porto Alegre, v. 27, n. 60, p. 31-59, mai./ago. 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ha/a/6JXF7Px7vtPrCPGS4t7k4nP/?lang=pt&format=pdf#:~:text=Partindo%20da%20percep%C3%A7%C3%A3o%20de%20que,proponho%20meios%20para%20essa%20incorpora%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 4 out. 2021.

CORRALIZA, J. A.; COLLADO, S. La naturaliza cercana como moderadora del estrés infantil. **Psicothema**, v. 23, n. 2, p. 221-226, 2011. Disponível em:

<https://www.psicothema.com/pdf/3874.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2022.



CORSARO, W. A reprodução interpretativa no brincar ao ‘faz-de-conta’ das crianças. **Educação, Sociedade e Culturas**, Porto, v. 17, p. 113-134, 2005.

GAVIÃO, D. C. A. **Búvehj Axo Ikolen: A infância Indígena Gavião**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Básica Intercultural) – Departamento de Educação Intercultural, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Paraná, 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/142328118-Buhehj-axo-ikolen-a-infancia-indigena-gaviao-1.html>. Acesso em: 14 out. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes.1985.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. A entrevista narrativa. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ORG.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LARROSA, J. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa e educación**. Barcelona: Laertes, S.A. Ediciones, 1995.

LOUV, R. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do Transtorno do Déficit de Natureza**. Tradução Alyne Azuma e Cláudia Belhassof. 1. ed. São Paulo: Aquariana, 2016.

MARTINS, T. P.; SOUZA, N. G. S. Povos que tem sua vida organizada pela natureza e pelos seus ciclos vitais: narrativas sobre povos tradicionais, relações com a natureza e sustentabilidade. **Revista Ambiente & Educação**, v. 27, n. 1, ago. 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/13463/9737>. Acesso em: 29 nov. 2022.

MEIRELLES, R. **Território do brincar diálogo com escolas**. Territórios do brincar. 2015. Disponível em: [https://territoriobrincar.com.br/wpcontent/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio\\_do\\_Brincar\\_-\\_Di%C3%A1logo\\_com\\_Escolas-Livro.pdf](https://territoriobrincar.com.br/wpcontent/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio_do_Brincar_-_Di%C3%A1logo_com_Escolas-Livro.pdf). Acesso em: 04 out. 2021.

NÓVOA, A. Prefácio. *In*: ABRAHÃO, M. H. M. B. (ORG.). **História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 7-12.



NUNES, A. **Brincando de ser criança:** contribuições da etnologia indígena à Antropologia da Infância. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia do ISCTE, Lisboa, Portugal, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/684>. Acesso em: 4 out. 2021.

NUNES, A. Da antropologia da infância aos estudos sobre infância indígena e vice-versa: impasses e possibilidades. *In: VI REUNIÓN DE ANTROPOLOGIA DEL MERCOSUR*. 2005. Montevidéo. **Anais** [...]. Montevidéo: Universidad de la República, 2005.

OLIVEIRA, M. M. S.; VELASQUES, B. B. Transtorno do Déficit de Natureza na infância: uma perspectiva da neurociência aplicada à aprendizagem. **Latin American Journal of Science Education**, v. 7, 2020. Disponível em: [http://www.lajse.org/nov20/2020\\_22020\\_2.pdf](http://www.lajse.org/nov20/2020_22020_2.pdf). Acesso em: 29 nov. 2022.

PIORSKI, G. **Brinquedos do chão:** a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Petrópolis, 2016.

TASSINARI, A. Concepções indígenas de infância no Brasil. **Tellus**, n. 13, p. 11-25, 2014. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/138>. Acesso em: 29 nov. 2022.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

Recebido em: 19-09-2022

Aceito em: 24-03-2023

